



A HOMOSSEXUALIDADE E OS CONFLITOS FAMILIARES SOB A INTERFACE DA SÉTIMA ARTE

Andreza Martins da Silva

HOMOSEXUALITY AND FAMILY CONFLICTS UNDER THE INTERFACE OF THE SEVENTH ART

HOMOSEXUALIDAD Y CONFLICTOS FAMILIARES BAJO LA INTERFAZ DEL SÉPTIMO ARTE

RESUMO

A família é a primeira instituição na qual um sujeito está inserido. Os afetos que surgem dessa relação são diversos e marcantes. No contato com uma família que seja refratária à experiência da homossexualidade, o sujeito vê-se envolto por discursos que o impactam em sua subjetividade. A proposta deste artigo é analisar como a homossexualidade foi tratada de maneira problemática e patológica por diversos campos do conhecimento, destacando como a perspectiva psicanalítica traz à luz outras concepções da sexualidade, a partir da teoria de pulsão sexual desenvolvida por Sigmund Freud. Tal teoria deslinda a pulsão sexual como distinta de instinto, e aponta para uma de suas características fundamentais, qual seja, a de que a pulsão sexual alcança sua satisfação por meio de objetos, e que estes são o que há de mais variável na pulsão. Baseada em dados secundários, o material foi escolhido através de pesquisa bibliográfica. Bem como a análise de alguns pontos do filme Eu Matei Minha Mãe, do diretor canadense Xavier Dolan, que serve como dispositivo para demonstrar como as produções artísticas captam e retratam esse mal-estar.

Palavras-chave: Homossexualidade; Família; Psicanálise; Cinema; Xavier Dolan.

ABSTRACT

The family is the first institution in which a subject is inserted. The feelings that arise from this relationship are diverse and striking. When in contact with a family that is resistant to the experience of homosexuality, the subject finds himself surrounded by discourses that impact his subjectivity. The purpose of this article is to analyze how homosexuality has been treated in a problematic and pathological manner by various fields of knowledge, highlighting how the psychoanalytic perspective brings to light other conceptions of sexuality, based on the theory of sexual drive developed by Sigmund Freud. This theory unravels the sexual drive as distinct from instinct, and points to one of its fundamental characteristics, namely, that the sexual drive achieves its satisfaction through objects, and that these are the most variable aspects of the drive. Based on secondary data, the material was selected through bibliographical research. As well as the analysis of some points of the film I Killed My Mother, by Canadian director Xavier Dolan, which serves as a device to demonstrate how artistic productions capture and portray this discomfort.

Key words: Homosexuality; Family; Psychoanalysis; Cinema; Xavier Dolan.

RESUMEN

La familia es la primera institución en la que se inserta un sujeto. Los afectos que surgen de esta relación son diversos y llamativos. En contacto con una familia refractaria a la experiencia de la homosexualidad, el sujeto se encuentra rodeado de discursos que impactan su subjetividad. El propósito de este artículo es analizar cómo la homosexualidad fue tratada de manera problemática y patológica por diferentes campos del conocimiento, destacando cómo la perspectiva psicoanalítica saca a la luz otras concepciones de la sexualidad, basadas en la teoría de la pulsión sexual desarrollada por Sigmund Freud. Esta teoría revela que la pulsión sexual es distinta del instinto y señala una de sus características fundamentales, a saber, que la pulsión sexual logra su satisfacción a través de objetos, y que estos son los aspectos más variables de la pulsión. A partir de datos secundarios se eligió el material mediante investigación bibliográfica. Así como el análisis de algunos puntos de la película Maté a mi madre, del director canadiense Xavier Dolan, que sirve como dispositivo para demostrar cómo las producciones artísticas captan y retratan este malestar.

Palabras clave: Homosexualidad; Familia; Psicoanálisis; Cine; Xavier Dolan.

“Pensei em como é desagradável ficar presa do lado de fora; e pensei em como talvez seja pior ficar presa do lado de dentro.”
(Virginia Woolf, 2014, p. 29)

“É óbvio que a arte não pode ensinar nada a ninguém, uma vez que, em quatro mil anos, a humanidade não aprendeu absolutamente nada.”
(Andrei Tarkovski, 2002, p. 55)

1 Introdução

A instituição família é uma das bases que sustentam a sociedade. Não basta reduzir a relação familiar apenas a algumas pessoas que estão ligadas por um parentesco biológico. Há implicações dentro dessa relação que são *a priori* fundamentais para o desenvolvimento psíquico de um sujeito, dentre as quais estão as tradições e os ritos que são passados adiante, a educação para controlar instintos básicos e a aquisição da linguagem (LACAN, 1938). A organização familiar possui, portanto, papel essencial para a transmissão da cultura. As normas primárias adquiridas dentro da família são basilares para regular as relações entre os sujeitos (SCOTT, 1996, apud Ramos, Nascimento, 1996, p.12). No entanto, a relação dentro desta instituição não é sempre amistosa, pois dada a complexidade que as relações com o outro exigem, a família pode ser produtora de grande sofrimento para o sujeito.

Dentre os aspectos que podem marcar esta relação conflituosa está a não aceitação da homossexualidade de um sujeito. A homossexualidade na cultura ocidental é, desde a Grécia Antiga, objeto de interesse dos mais diversos campos do conhecimento. No entanto, no contemporâneo, o modo como a ciência se apropria do estudo da homossexualidade

mostra-se por vezes balizado nos parâmetros de um preconceito enraizado desde o princípio na visão dos cientistas (TREVISAN, 2018). Tendo em vista que muitas foram as tentativas de descobrir uma possível origem da homossexualidade, através, por exemplo, de testes realizados com animais no intuito de descobrir se seria possível existir uma base neural para o comportamento homossexual (TREVISAN, 2018). Tais propostas de pesquisa evidenciam que, ao se propor tal exame investigativo da origem homossexual, denota-se um julgamento valorativo, pois quando se pergunta a origem de algo tido como diferente, sugere-se a ideia de que aquilo desvia da norma esperada (TREVISAN, 2018). Nesse sentido, existe uma linha tênue entre a ciência estar de fato comprometida com a procura de mais saberes sobre as identidades sexuais, e a expectativa de encontrar respostas para a origem de algo que se apresenta como natural desde o princípio.

Em contraponto à ideia do discurso científico que analisa, por vezes de maneira determinista e enclausurante, a homossexualidade, outros campos do conhecimento articulam com esta ideia de maneira distinta, como a teoria Psicanalítica. Em 1935, Sigmund Freud, ao receber a carta de uma mulher americana angustiada com a homossexualidade de seu filho, responde-lhe dizendo que: “A homossexualidade certamente não é uma vantagem, tampouco é algo de que se envergonhar, não é nenhum vício, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença” (IANNINI, 2019, p. 28). Ao abordar a homossexualidade por esta perspectiva, nota-se que, se para a psicanálise não há nenhum ganho, também pode-se dizer que não há nenhuma perda significativa. Uma vez que as orientações sexuais são, em suas mais diversas apresentações, apenas variações do desenvolvimento sexual humano. Além disso, para a psicanálise, a sexualidade não se constitui no ser humano apenas para cumprir um papel de reprodução, mas está relacionada ao desejo que não tem uma escolha antecipada de seu objeto. As pulsões性uais podem ser inúmeras e constituem-se no inconsciente, sua existência advém de um ponto longe da história do sujeito que pode remontar desde o período embrionário, vindo a findar apenas em sua morte (NASIO, 1995).

Nesse sentido, o desejo é algo que se difere do esforço científico em determinar de forma precisa como se daria o surgimento da homossexualidade, além de que isso só serviria para categorização. O desejo não cabe em uma definição final, é sempre algo singular e se apresenta de maneira singular para cada sujeito. Querer direcionar o desejo para algum lado é inútil, pois há sempre um mistério em sua origem (TREVISAN, 2018). Ou seja, a homossexualidade, neste sentido, é apenas mais uma manifestação da sexualidade humana.

Apesar das tentativas de padronização da sexualidade, o desejo mostra um universo de possibilidades e traça seus próprios caminhos, mesmo em contraponto com as exigências dos padrões e normas estabelecidas (TREVISAN, 2018).

Pensando que o cinema apresenta linguagens que possibilitam o fluxo entre diversas temáticas de contextos transdisciplinares, pode-se constituir em uma valiosa ferramenta de exploração para auxiliar na discussão apresentada (MARTINS, Eduardo *et al.* 2016). Segundo Foucault, as produções artísticas contribuem nas conjunções históricas no desenvolvimento de conhecimento. Além disso, a arte pode desempenhar importante colaboração no estabelecimento da subjetividade e na vida social (FOUCAULT, 1966, apud MARTINS, Eduardo *et al.* 2016, p.55). Assim, o filme apresentado serve de fomento para a interlocução da ficção criada nas obras artísticas e sua semelhança com os modos pelos quais a vida se desenlaça e transcorre.

Com base nisto, a pesquisa abordará alguns aspectos do filme *Eu matei minha mãe*, de Xavier Dolan, utilizando assim uma interface com a sétima arte, e ilustrando de que modo essa dinâmica pode se apresentar. Busca-se empregar o cinema na medida em que as produções cinematográficas podem exibir camadas que de outro modo não seriam percebidas. Entretanto, não se trata de aplicar à arte como um mecanismo de decifração final, mas de usá-la como dispositivo de apoio para revelar aquilo que a arte pode contribuir em seu ensinamento (MARCOS, Cristina *et al.* 2021).

2 O cinema de Xavier Dolan

Em seu filme de estreia *Eu Matei Minha Mãe*, de 2009, o diretor canadense Xavier Dolan foi recebido com grande prestígio pelo público, principalmente após ter sido triplamente premiado no festival de Cannes. O jovem cineasta, de apenas vinte anos na época em que o filme estreou, escreveu o roteiro, dirigiu, produziu e protagonizou o longa, tendo mais tarde revelado em entrevistas que a história contém partes autobiográficas.

No filme, Dolan retrata a trajetória de Hubert, um jovem homossexual de classe média que mora com sua mãe, Chantale. Com os pais separados, Hubert convive principalmente com a mãe, além de frequentar a escola e passar seu tempo livre com o namorado Antonin. A narrativa apresenta o conturbado relacionamento de mãe e filho, relação essa perpassada por momentos de desavenças profundas entre os dois. Hubert tem um discurso sobre a mãe que contém uma série de desaprovações contra o seu comportamento. O adolescente não gosta do

jeito que a mãe come, de como ela dirige o carro, não gosta de suas roupas, não acha sequer que ele deveria ser filho dela. Ele aceitaria ser filho de qualquer outra mulher, mas não de Chantale.

Por meio de suas obras cinematográficas, Dolan consegue captar a atmosfera tensa que por vezes configura as relações entre as pessoas. Seus desentendimentos e frustrações que podem se apresentar no campo amoroso, como em seu filme *Amores Imaginários* (2010), ou quando toca em um tema delicado como a questão da transição de gênero em *Laurence Anyway* (2012), ou mesmo quando aborda sobre o sofrimento do luto em *Tom na Fazenda* (2013). Em seu filme *Mommy* (2014) Dolan retoma a discussão da relação conturbada entre mãe e filho, mostrando-se mais maduro e experiente em suas técnicas cinematográficas. Em *É Apenas o Fim do Mundo* (2016) traz mais uma vez a angústia do mal-estar que parece intrínseca dentro da organização familiar. Em *A Morte e Vida de John F. Donovan* (2018) trata sobre um escândalo envolvendo um jovem ator. Com *Matthias & Maxime* (2019), coloca o desejo e os questionamentos sobre a identidade sexual em evidência.

2.1 A gramática do cinema

O cinema é uma arte que, ao lançar o espectador no escuro através de uma sucessão de imagens que contam uma narrativa, ao final da exibição traz à tona sensações diversas em uma brecha, fazendo dele um sujeito (RIVERA, 2008). Nesse sentido, a psicanálise se interessa pelo cinema, pois a sétima arte consegue captar com suas histórias as mais diversas temáticas que circundam a sociedade, aproximando, dessa forma, a obra cinematográfica daquele que a contempla. Como diz o filósofo francês Gilles Deleuze:

São estas imagens flutuantes, estes clichês anônimos que circulam no mundo exterior, mas também que penetram em cada um e constituem seu mundo interior, de modo tal que cada um só possui clichês psíquicos dentro de si, através dos quais pensa e sente, sendo ele próprio um clichê entre os outros no mundo que o cerca (DELEUZE, 1983, pp. 232-233).

Dessa forma, o cinema apenas capta os fatos e problemáticas daquilo que está exposto no mundo. Através da narrativa apresentada, o sujeito é levado a experimentar formas diversas de ser e sentir. Ao assistir um filme, surge a possibilidade de colocar-se diante do abismo que se abre entre o espectador e o diretor em relação às maneiras pelas quais a vida pode ser apresentada. Em um esforço de relacionar-se com a história que transparece diante de seus olhos e, logo, também com a visão daqueles que a compõem na tela, o sujeito entrega algo de si que desconhecia, permitindo que essa brecha o apresente a algo novo.

Além disso, cabe ressaltar que a obra de Xavier Dolan, como já citado anteriormente, contém partes autobiográficas. Expondo assim como o cinema ressoa às questões do cotidiano da vida. Um fato importante a se destacar é que o filme é o primeiro longa do diretor canadense. Nessa perspectiva, é como se Dolan estivesse se apresentando ao público e escancarando como um problema particular pode repercutir na gramática cinematográfica, encontrando assim uma conexão com o outro. De acordo com Tarkovski, “O cinema deve ser um meio de explorar os problemas mais complexos do nosso tempo, tão vitais quanto aqueles que há tantos séculos vem servindo de tema à literatura, à música e à pintura.” (TARKOVSKI, 2002, p. 94).

Em seu longa, Dolan apresenta uma história em que mãe e filho são atravessados por uma incomunicabilidade latente que, mais tarde no filme, é também marcada pela homossexualidade do protagonista Hubert e pela desaprovação que sua mãe Chantale tem disso. Essa perspectiva também se repete fora das telas, visto que essa é uma problemática recorrente na vida de muitos homossexuais que sofrem conflitos advindos de sua orientação sexual quando esta não é acolhida dentro da família.

Dessa forma, o filme será utilizado para interpretar o modo como a homossexualidade se dá dentro da perspectiva familiar. Entretanto, não há o objetivo de analisá-lo de maneira definitiva, uma vez que são inúmeras as possibilidades e caminhos que podem ser percorridos para fazê-lo, mas sim utilizar a sétima arte como dispositivo de apoio para refletir sobre a temática abordada.

2.2 Relação mãe e filho

Em um filme existe uma série de conjuntos narrativos que, quando implementados, são responsáveis por contar a história. Isto se dá através de técnicas cinematográficas tais como os enquadramentos, a fotografia, os cortes, os movimentos de câmera, entre outros (BOCCA, 2015). Esses elementos fornecem forma ao filme, influenciam no desenvolvimento da narrativa e impactam a percepção que o espectador tem de determinadas cenas, bem como da obra como um todo.

Eu Matei Minha Mãe é uma narrativa contada sob a perspectiva de Hubert Minel e sua forma conturbada e angustiante de lidar com sua mãe. Na cena de abertura do filme, em uma fotografia em preto e branco, o jovem faz gravações de si mesmo relatando para a câmera – e logo também para o espectador de forma direta, como uma quebra da quarta parede –, as

impressões, sentimentos e reflexões que têm sobre sua mãe Chantale. Em momentos banais de interação, discussões inflamadas surgem, demonstrando como a comunicação entre mãe e filho é árdua, ao perpassar a impossibilidade de Hubert revelar para a mãe sua homossexualidade, a qual ela só toma conhecimento tardiamente, através de terceiros.

Em uma das cenas iniciais do longa, Hubert e Chantale têm uma discussão quando ela o está levando de carro a caminho da escola. Após brigarem, a mãe pede que Hubert desça do carro e a cena exibe ambos indo em caminhos opostos, até que Hubert vira em uma esquina e some do quadro. Através de seus enquadramentos, o filme permite que se destaque a distância que existe entre mãe e filho, como quando os dois estão sentados lado a lado na mesa tentando conversar, e, ao empregar um plano fechado nos personagens, a fim de destacá-los em cena, o diretor cria também uma atmosfera na qual ressalta existir ali um muro invisível que os separa.

Outro elemento que chama a atenção é o contraste da fotografia. Nos momentos em que Hubert está em casa com a mãe, as cores das cenas são escuras e mais sombrias, salientando a angústia que ambos experimentam em diversos momentos juntos. Em contraponto, quando ele está na casa do namorado, Antonin, as cores aplicadas por Dolan são mais claras, captando assim, uma atmosfera calma e tranquila. O mesmo ocorre em relação à mãe de Antonin, que se mostra mais aberta à sexualidade do filho, tendo com este momentos de descontração e representando, então, o oposto da relação que Hubert experimenta com Chantale. Em uma cena em que Hubert presencia um momento de brincadeira entre Antonin e sua mãe, ele recorda de uma lembrança sua com Chantale, na qual ele, ainda na infância, vive um momento feliz em que ambos estão correndo por um campo. Com isso, o filme revela um outro aspecto da relação entre mãe e filho, em que já houveram momentos de proximidade entre os dois.

Em um momento do filme em que a professora de Hubert pede para que a turma faça um trabalho sobre a profissão dos pais, ele mente dizendo que sua mãe já morreu. Ao descobrir a mentira do filho, Chantale vai até a escola, e os dois brigam de maneira tão intensa que o confronto resulta em um embate corporal no qual Hubert derruba a mãe no chão, no meio do corredor da escola. Após a briga, Hubert foge, e na rua encontra com a professora que o chama para conversar. Durante o diálogo, o jovem se desculpa por ter mentido sobre a morte da mãe. A professora, com o intuito de oferecer-lhe apoio, revela que também tem uma relação difícil com o próprio pai, e que eles não se falam há anos. Ela cita uma frase de Cocteau que diz: “A mãe nunca será amiga de seu filho”. Tal frase diluída de maneira significativa o enredo

que sufoca Hubert e Chantale, e que os apreende em uma relação marcada também por certas ambiguidades em alguns momentos.

De fato, a maior parte das cenas em que estão juntos resulta em brigas. Não obstante, tais interações também deixam transparecer uma afetuosidade contida a qual é ofuscada pelas exaustivas ofensas e discordâncias. Isto fica evidente em uma cena em que Hubert pergunta para a mãe o que ela faria se ele morresse hoje. Chantale fica em silêncio e, quando Hubert se afasta, no momento seguinte ela responde em voz baixa “eu morreria amanhã”. Em outra cena, em uma das gravações de vídeo que realiza, Hubert diz que ama a mãe, e que embora este não seja como o amor de um filho, se alguém a ferisse, ele seria capaz até de matar.

Em certo momento, Hubert propõe a Chantale uma “solução” para a relação deles. Ele a sugere alugar um apartamento para morar sozinho com o dinheiro da herança que irá receber da avó. Embora a mãe concorde de início, depois não permite e os dois discutem novamente. De modo a persuadi-la, Hubert passa a realizar as tarefas de casa como lavar a roupa, cozinar, ir ao mercado, etc. Nesse momento do filme, tudo indica que a relação dos dois se transformou. No entanto, no mesmo dia Chantale descobre sobre a homossexualidade do filho através da mãe de Antonin. A notícia a deixa perplexa, e ela passa a agir de modo ainda mais ríspido com o filho.

A sexualidade humana possui uma história, e os componentes que a integram tem início antes mesmo do nascimento do sujeito, em que ocupam uma posição profundamente relacionada ao imaginário dos pais, bem como aos seus desejos (CECCARELLI, 2008). Em meio a mais uma desavença, Chantale revela a Hubert que ela sabe sobre sua orientação sexual, dizendo-o que, por ser homossexual, ele não poderá ter filhos. Com isso, ela demonstra esperar que Hubert estivesse enquadrado na lógica heteronormativa, essa expectativa investida no filho é quebrada quando esse desejo não é alcançado, provocando-lhe assim uma angústia.

Um tempo depois de descobrir a homossexualidade do adolescente, como uma forma de punição, Chantale e o pai de Hubert decidem colocá-lo em uma escola interna. O intuito é de que, nessa nova instituição, seu corpo seja então disciplinado da maneira que Chantale não conseguiu realizar. Tal abordagem retrógrada, que remonta a heranças de outros séculos, serve apenas para que a relação entre os dois se torne mais espinhenta. Além disso, Hubert sofre um episódio de homofobia na escola, quando é espancado por outros alunos do colégio. Com isso, Dolan aborda uma questão muito comum na sociedade, que é a violência

que assola pessoas LGBTQ+. Violência essa longínqua, e que já foi incorporada nos discursos de diversos campos, tais como os da política, religião, medicina, psiquiatria, psicologia, direito, etc, no qual esses corpos foram tratados de modo pecaminoso, criminoso e patológico (TREVISAN, 2018).

Após ser agredido na escola, Hubert foge para uma casa no lago que frequentava com os pais durante a infância. Chantale recebe uma ligação do diretor da escola informando de sua fuga. Ela vai ao encontro de Hubert na casa do lago, e o filme termina com ambos sentados lado a lado, olhando para as águas. Dessa forma, a obra termina em aberto, uma vez que não é possível saber o que acontecerá com a relação dos dois a partir daquele momento. Não se sabe se os últimos acontecimentos poderão modificar de algum modo este relacionamento, sugerindo-os outra trajetória para além da repetição da dinâmica que os consome.

3 O termo homossexual e suas terminologias

O termo homossexual surgiu com o austro-húngaro Karl Maria Kertbeny, em 1869, na Alemanha, e é utilizado amplamente até hoje. É Kertbeny quem cria também o termo heterossexual. Em anonimato, Kertbeny escreveu panfletos, que tinham como intuito promover a substituição de outros termos empregados de forma moralizante, de modo a descriminalizar a homossexualidade. No entanto, o estudo sobre a homossexualidade ao longo do século XIX e XX foi transportado para o discurso moral médico-jurídico com inúmeras investigações nos campos da Medicina, Psiquiatria, Psicanálise e Jurídica. Ao realizar estudos sobre as sexualidades consideradas desviantes, o termo criado por Kertbeny, naquilo que possuía de libertador, passou a ser aproveitado enquanto instância taxativa pelos discursos da ciência, com o intuito de obter um aspecto mais científico do que subjetivo sobre as práticas sexuais (AMBRA, 2016; TREVISAN, 2018; VIEIRA, 2009).

Ao longo da história, diversos termos vêm sendo empregados para categorizar pessoas que se relacionam com o mesmo gênero. Em sua maior parte, tais expressões linguísticas são utilizadas de maneira negativa, de modo a depreciar a homossexualidade. Tais como: sodomita, que tem origem nos dogmas cristãos e traz uma alusão a Sodoma e Gomorra; uranista que vem da mitologia grega com o Deus Urano; pederasta que vem da Grécia Antiga, e era a função ocupada por um mestre, um homem mais velho, que exercia o papel de pedagogo para um mais jovem, muitas vezes evoluindo para uma relação sexual; bagaxa, utilizado como

linguagem chula, entre outros. De todo modo, a intenção de estabelecer um termo normativo tinha como intuito a apropriação do discurso científico para intervir de maneira psicológica e física nesses corpos apontados como desviantes ou patológicos (TREVISAN, 2018).

Segundo Vieira (2009), no final do século XIX, ascendem investigações nos campos da sexologia e da psiquiatria a respeito das sexualidades, com o intuito de classificá-las, o qual fundava-se em uma noção de norma atrelada à heterossexualidade. No princípio, os estudos procuravam compreender as causas para a existência da homossexualidade. Nesse sentido, a ciência, ao realizar tais enquadramentos sobre a conduta homossexual, teve papel fundamental para incorporá-la em um discurso patológico.

4 Homossexualidade e a pulsão

Em um de seus escritos da metapsicologia, *As pulsões e seus destinos* de 1915, Freud traz a teoria de pulsão sexual, definindo-a como um conceito que está entre o somático e o psíquico. Ou seja, a pulsão se manifesta através dos representantes psíquicos, que se originam no interior do organismo e atingem a psique. Além disso, Freud designa outras características da pulsão, tais como: a fonte, pressão, meta e objeto (FREUD, 1915).

Em linhas gerais, a fonte da pulsão é sempre corporal, “[...] entende-se o processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida anímica pela pulsão” (FREUD, 1915, p. 33). Apresenta-se especialmente através das zonas erógenas do corpo como a boca, olhos, voz, pele, órgãos sexuais, etc; A pressão é o motor, ou seja, aquilo que promove o impulso à pulsão, podendo ser ativa ou passiva; A meta da pulsão consiste sempre em se satisfazer, o que ocorre quando há o processo de redução do estímulo causado pela pressão; E por fim, o objeto da pulsão é definido como o que o há de mais variado, podendo se apresentar de diversas formas, e é a maneira em relação à qual a pulsão alcança a sua meta. Nesse sentido, esse objeto pode compreender uma coisa, uma pessoa, ou mesmo o próprio sujeito. Além disso, o objeto se constitui na realidade, ou de maneira fantasmática (FREUD, 1915; GARCIA-ROZA, 2009).

Cabe apontar também a distinção entre os conceitos de pulsão e instinto. O instinto se apresenta enquanto possuindo um objeto fixo e específico, e a pulsão não possui um objeto pré-definido, tampouco específico. Essa é a principal diferença entre o instinto e a teoria pulsional, a sua variação quanto a meta e o objeto. (GARCIA-ROZA, 2009). Com isso, em

contraponto ao modo como o instinto se apresenta nos animais, a pulsão nos seres humanos se expressa sempre através de aspectos imprecisos e ambíguos.

Além disso, Freud afirma em seu texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de 1905, que nos seres humanos as pulsões sexuais não possuem um objeto fixo, podendo ser diversos os seus destinos. Assim, diferente dos animais –, nos quais a sexualidade se restringe apenas a reprodução –, a sexualidade humana não está estritamente vinculada ao instinto, e não tem como único objetivo a reprodução da espécie, estando atrelada ao princípio de prazer. Freud exemplifica isso utilizando a sexualidade das crianças que, segundo ele, é perversa-polimorfa, onde as fontes de prazer podem ser inúmeras e se manifestam de diversas formas: oral, anal, genital, exibicionista, voyeurista, sádica, masoquista, entre outras. Desse modo, Freud retira a noção de que a sexualidade humana está limitada apenas à genitalidade, passando a considerá-la enquanto uma função mais abrangente (CECCARELLI, 2008).

Nesse sentido, a manifestação da homossexualidade em um sujeito não caberia em um discurso que considera tal prática desviante ou mesmo anormal. Pois as pulsões sexuais, ao se incorporarem à noção de psiquismo, habitam as mais diversas possibilidades de manifestação. Freud, em 1920, ao analisar o caso de uma jovem homossexual, diz que: “Não é papel da Psicanálise resolver o problema da homossexualidade. Ela precisa se contentar em revelar os mecanismos psíquicos que levaram à decisão sobre a escolha de objeto e em rastrear seus caminhos até as disposições pulsionais” (1920, p. 143).

Desse modo, a maneira como os corpos dos sujeitos homossexuais foram incorporados em pesquisas médicas produziram, frequentemente, uma noção patologizante da sexualidade, onde não eram considerados os seus aspectos psíquicos, somente um enfoque mais fisiológico. Tal perspectiva contrariava a noção de que a homossexualidade, tal qual a heterossexualidade, bissexualidade, pansexualidade, assexualidade, entre outros, está inclusa dentro da multiplicidade de fatores que compõem e constituem a sexualidade humana. De acordo com Freud, “[...] o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é um problema que requer explicação, não é algo evidente em si, baseado numa atração fundamentalmente química” (1905, p. 35). Com isso, Freud procura destituir a ideia de que a heterossexualidade possa servir como parâmetro de normalidade no qual toda a sexualidade humana deveria se basear, o que ao longo da história acabou ocorrendo.

Dessa forma, a sexualidade não cumpre o papel característico de instinto empregado principalmente pela biologia, a qual corresponde a função reprodutiva e que recaí

também no discurso da norma heterossexual. Assim, do ponto de vista psicanalítico, no qual o prazer é fundamental e não a reprodução, algumas condutas sexuais seriam consideradas perversas e desviantes se fossem analisadas apenas através do instinto, mas ao empregar a noção de pulsão deixam de ser (GARCIA-ROZA, 2009; VIEIRA, 2009).

Nessa perspectiva, a homossexualidade é alvo de pesquisas e classificações do discurso científico, sendo considerada até ameaçadora, devido a representar uma divergência na estrutura social heteronormativa. Visto que dentre todas as sexualidades, a homossexualidade é a que deixa mais evidente estar contrapondo o papel da norma esperada de reprodução e continuidade da espécie. De acordo com Trevisan:

Já dizia o poeta italiano Pier Paolo Pasolini que o tabu da homossexualidade é um dos mais sólidos ferrolhos morais das sociedades pós-industriais, com base em novos e velhos argumentos. Além de ser inútil para a reprodução da espécie, a prática homossexual solaparia a família (em cujo seio se geram os novos consumidores) e seus padrões ideológicos (cuja ordem é consumir). Se talvez pareça impensável o extermínio maciço de homossexuais, como ocorreu no passado em nome de certa pureza de costumes, o que teríamos em lugar do triângulo rosa nazista seria uma generalizada desqualificação moral, de modo que “o homossexual continua vivendo num universo concentracionário, sob o rígido controle da moral dominante”, nas palavras de Pasolini (2018, p. 17).

Assim, a prática homossexual, posto que não conduz à perpetuação da espécie e, logo, à produção de mais mão de obra trabalhista, é vista não apenas como uma ameaça às estruturas sociais como a família, a pátria e a moral, mas também como um desvio da norma definida pelos discursos científicos. Com efeito, o mesmo ocorre com a própria sexualidade infantil, que é tolhida, provocando, dessa forma, os primeiros recalques na criança. Com isso, o que há é a negação em torno da ideia de sua existência, embora, ocorram tantas manifestações dela como já mencionado anteriormente.

A sexualidade humana, por se apresentar de maneira ampla e ilimitada, ultrapassa a noção colocada pela teoria de instinto, abrindo-se, portanto, à possibilidade de repensar a noção de desvio, ou mesmo a existência de patologias relacionadas à sexualidade (GARCIA-ROZA, 2009). Visto que suas manifestações excedem as normas estabelecidas pela cultura, e posto que não podem ser impedidas de vir à tona, mesmo ao sofrerem coerção de diversas parcelas da sociedade. Como afirma Trevisan “[...] de modo insuperável o desejo: este se inclina num movimento de polivalência pendular e mutabilidade básica dos indivíduos, para além das ideologias que procuram estabelecer padrões e normas sobre a natureza.” (2018, p.34).

Nesse sentido, o mesmo decorre com as pulsões sexuais, que não se configuram através de um único modo de expressão, mas se apresentam de diversas formas para obter a satisfação. Em linhas gerais, a sexualidade é uma força polivalente.

Além disso, mesmo não representando o padrão designado pelo sistema regulador da sexualidade, ser homossexual é uma forma de subjetividade e identidade. Sua expressão instaura uma contradição perante as normas, validando assim uma incerteza que abre possibilidade para a diferença (TREVISAN, 2018). Dessa maneira, permanecem constantes as tentativas dos sujeitos homossexuais pela afirmação de suas existências, visibilizando-se através da sigla “LGBTQ+”, ao criarem uma comunidade com linguagens e formas de expressão próprias, assim como a todo instante mobilizada em prol da sobrevivência perante adversidades múltiplas decorrentes de diversas instâncias controladoras.

A verdade é que a civilização sempre precisou de reservatórios negativos que possam funcionar como bodes expiatórios nos momentos de crise e mal-estar, quando então, por um mecanismo de projeção, ela ataca esses bolsões tacitamente tolerados. Em outras palavras, sempre que a minha situação não tem saída, a saída é atacar o mal fora de mim. As periódicas perseguições aos judeus têm sido, ao longo da história, claro exemplo dessa projeção ideológica. Assim também se pôde constatar, por muito tempo, um recrudescimento do racismo contra os negros em vários moldes, inclusive científicos [...]. A homossexualidade inscreve-se como mais um desses reservatórios negativos. Sendo a permissividade social basicamente oportunista, a tolerância varia de época para época, dependendo de fatores externos, que acrescentam à prática homossexual maior ou menor grau de periculosidade, conforme as necessidades circunstanciais” (TREVISAN, 2018, pp. 21-22).

Desse modo, as identidades sexuais que são de algum modo consideradas não enquadradas em uma perspectiva de norma estão, portanto, à mercê de riscos. Isso é expresso ao longo da história pelas inúmeras tentativas de classificação científica das sexualidades consideradas desviantes, bem como em acontecimentos históricos, tais como os de regimes ditatoriais, além das ameaças constantes que há sob os corpos homossexuais a partir de episódios de violência que são cometidos no cotidiano. Nesse sentido, a homossexualidade é, com frequência, apenas tolerada, sendo alvo das mais diversas repressões. Não obstante, ao ser abordada por concepções não normativas, aponta para a inescapável constatação de sua multiplicidade.

5 Considerações finais

Ao analisar a temática abordada, pode-se chegar a reflexão de que a sexualidade humana, em especial a homossexualidade, que foi o alvo de tratamento deste artigo junto ao próprio cinema, provém análises inesgotáveis, bem como numerosos percursos que podem ser seguidos e discutidos dentro deste campo. Logo, não buscou-se esgotar a discussão, mas trazer considerações acerca do tema, uma vez que não é possível pôr um fim a essa discussão que na medida que é analisada mais elementos surgem para acrescer novas descobertas.

O cinema é uma arte que transborda seus limites. Ao colocar a sétima arte como um dispositivo que, dentre variadas possibilidades de existência, pode elucidar a elaboração de problemáticas da sociedade, Xavier Dolan, em *Eu Matei Minha Mãe*, capta e entoa através de uma obra de arte toda a imensidão do retrato da conturbada relação entre mãe e filho, como também a profunda dificuldade de lidar com a alteridade e a sexualidade do outro. A forma como o diretor conta a narrativa, ressaltando a maneira resistente com a qual a mãe lida com a descoberta da homossexualidade do filho, alcança uma conexão com a real ao elucidar uma problemática que persiste na sociedade. Dessa forma, é possível perceber como, ao mesmo tempo em que a sétima arte pode ser consumida muitas vezes como entretenimento, também é possível usá-la de maneira a expor questões subjetivas ao incorporar em sua narrativa vivências semelhantes ao cotidiano.

Dentre os diversos modos pelos quais a homossexualidade fora tratada através da história, destacam-se as excessivas vezes em que esta fora abordada de maneira problemática e excludente, ao ser tomada como objeto de estudo por perspectivas que englobaram sua análise ao campo moral. Esta visão, ao procurar investigar um parâmetro de normalidade na sexualidade, recai sempre na norma heterossexual, produzindo assim uma contradição que não contempla as sexualidades de modo amplo, isto é, como dimensões de múltiplas possibilidades, excluindo dessa forma todas as representações da sexualidade que se apresentam de outras maneiras.

Dentre outras possibilidades de reflexão, ao contemplar a homossexualidade sob o ponto de vista psicanalítico, contrapõe-se a ideia de que algo tão complexo e profundo possa ser medido de forma tão exata. A noção de pulsão sexual comporta a ideia de que são múltiplos os caminhos percorridos por um sujeito ao experimentar a sexualidade. Logo, as práticas homossexuais são apenas uma dentre várias maneiras de vivenciar a sexualidade e de se subjetivar afirmando assim uma identidade.

Diante da maneira como a obra cinematográfica e a homossexualidade foram abordadas nessa pesquisa, buscou-se analisar a forma relutante e violenta com que essa pode ser recebida dentro da família. Em linhas gerais, tais atitudes resultam de construções de pensamento fundamentadas ao longo da história da humanidade; seus resultados na cultura, expressos pelos diversos campos que a compõe, ressoam de maneira limitante e preconceituosa no discurso não só da família, como também de toda uma sociedade produzida intrinsecamente por esses paradigmas.

REFERÊNCIAS

AMBRA, Pedro. “A psicanálise é cismaterialista? Palavra política, ética da fala e a questão do patológico”, *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 5, p. 101-120, maio-out. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.9771/peri.v1i5.17179>> Acessado em: 08. mar. 2023.

Amores Imaginários. Direção: Xavier Dolan. Produção: Xavier Dolan, Daniel Morin, Carole Mondello. Canadá: Remstar, 2010.

A Morte e Vida de John F. Donovan. Direção: Xavier Dolan. Produção: Lyse Lafontaine, Nancy Grant, Xavier Dolan, Michel Merkt. Canadá; Reino Unido: Lyla Films, Sons of Manual, Warp Films, 2018.

BOCCA, Jean. O estilo cinematográfico de Xavier Dolan. 2015. 89fs. Monografia (Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CECCARELLI, Paulo. “A invenção da homossexualidade”, *Bagoas*, v. 2, n. 02, p. 71-93, nov. 2012. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2268>> Acessado em: 19. abr. 2023.

DELEUZE, Gilles. *Cinema 1: A imagem-movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

É Apenas o Fim do Mundo. Direção: Xavier Dolan. Produção: Nancy Grant, Xavier Dolan, Sylvain Corbeil, Nathanaël Karmitz, Michel Merkt. Canadá: MK2, Sons of Manual, 2016.

Eu Matei Minha Mãe. Direção: Xavier Dolan. Produção: Xavier Dolan, Daniel Morin, Carole Mondello. Canadá: Mifilifilms, 2009.

FREUD, Sigmund. *As Pulsões e Seus Destinos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. Originalmente publicado em 1915.

_____. *Sobre a Psicogênese de um Caso de Homossexualidade Feminina*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. Originalmente publicado em 1920.

_____. *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Originalmente publicado em 1905.



GARCIA-ROZA, Luiz. Freud e o inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

IANNINI, Gilson. Caro Dr. Freud: respostas do século XXI a uma carta sobre homossexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LACAN, Jacques. Os complexos familiares: na formação do indivíduo. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Originalmente publicado em 1938.

Laurence Anyways. Direção: Xavier Dolan. Produção: Lyse Lafontaine, Nathanaël Karmitz, Charles Gillibert. Canadá: MK2, Lyla Films. 2012.

MARCOS, Cristina *et al.* “Retratos de família: as diversas faces da maternidade na literatura e no cinema”, Trivium: Estudos Interdisciplinares, v. 13, n. 1, p.55-68, mar. 2021. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2021v1p.55>> Acessado em: 06. set. 2022.

MARTINS, Eduardo *et al.* “Cinema, Subjetividade e Sociedade: A Sétima Arte na Produção de Saberes”, Revista de Cultura e Extensão USP, São Paulo, v. 8, n. 1, p.53-64, jan-jun. 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v14isupl.p53-64>> Acessado em: 13. nov. 2022.

Matthias & Maxime. Direção: Xavier Dolan. Produção: Nancy Grant, Xavier Dolan, Canadá: Sons of Manual, 2019.

Mommy. Direção: Xavier Dolan. Produção: Nancy Grant, Xavier Dolan, Sylvain Corbeil. Canadá: Sons of Manual, 2014.

NASIO, J-D. Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

RAMOS, Danielle; NASCIMENTO, Virgílio. “A família como instituição moderna”, Fractal: Revista de Psicologia, v. 20, n. 2, p.461-472, jul-dez. 2008. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1984-02922008000200012>> Acessado em: 05. out. 2022.

RIVERA, Tania. Cinema, Imagem e Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

TARKOVSKI, Andrei. Esculpir o Tempo. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Tom na Fazenda. Direção: Xavier Dolan. Produção: Nathanaël Karmitz, Charles Gillibert, Xavier Dolan. Canadá: Sons of Manual, MK2, 2013.

TREVISAN, João. Devassos no Paraíso A Homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VIEIRA, Luciana. “As Múltiplas Faces da Homossexualidade na obra freudiana”, Revista Mal-estar e Subjetividade Fortaleza, v. 9, n. 2, p.487-525, jun. 2009. Disponível em <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=527568895007>> Acessado em: 28. abr. 2023.

WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. São Paulo: Tordesilhas, 2014.